



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**

**A ESCRITA DE BERNARDO SOARES COMO ESPELHO DE  
FERNANDO PESSOA**

Wellington Elias Pereira Junior

Brasília, 2020.

WELLINGTON ELIAS PEREIRA JUNIOR

**A ESCRITA DE BERNARDO SOARES COMO ESPELHO  
DE FERNANDO PESSOA**

Monografia apresentada ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Licenciada e Bacharela em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Brasília-DF

2020

## SUMÁRIO

Resumo / 3

Abstract /4

Introdução / 5

1. As Vanguardas e o Modernismo de Fernando Pessoa / 7

1.1. O Século XIX / 7

1.2 O Século XX / 8

1.3 O Modernismo / 11

2. Fernando Pessoa e seus heterônimos / 13

2.1 O ajudante de guarda livros / 17

3. Bernardo Soares: Fernando Pessoa no espelho / 19

Conclusão / 26

Referências Bibliográficas / 27

## RESUMO

Com a efervescência da Primeira e Segunda Guerra Mundial e a Revolução Industrial, surge também os movimentos de vanguardas, onde os artistas viram a necessidade de acompanhar a atualidade e produzir artes que representavam a modernidade do século. Nesse meio, Fernando Pessoa, ao lado de Mario de Sá Carneiro, Almada Negreiros entre outros artistas, surgem com a revista *Orpheu* dando início ao Movimento Modernista em Portugal. Acontecimentos importantes para a concepção da personalidade de Fernando Pessoa, criador de mais de 100 heterônimos e do seu semi-heterônimo Bernardo Soares, o personagem por detrás do *Livro do Desassossego*, um ajudante de guarda livros que tem em si tanto do seu autor que é possível confundir o leitor durante a leitura dos fragmentos que dão forma a obra, em que o próprio autor revela Bernardo Soares como semi-heterônimo por haver tantas coisas em comum entre ambos.

## ABSTRACT

With the effervescence of the First and Second World War and the Industrial Revolution, the avant-garde movements also emerged, where artists saw the need to keep up with the present and produce arts that represented the modernity of the century. In this environment, Fernando Pessoa, alongside Mario de Sá Carneiro, Almada Negreiros and other artists, appeared with the magazine *Orpheu*, initiating the Modernist Movement in Portugal. Important events for the conception of Fernando Pessoa's personality, creator of more than 100 heteronyms and his semi-heteronym Bernardo Soares, the character behind *Livro do Desassossego*, a bookkeeper helper who has so much of his author in him it is possible to confuse the reader when reading the fragments that form the work, in which the author himself reveals Bernardo Soares as semi-heteronymous because there are so many things in common between them.

## INTRODUÇÃO

Em face do que transpõe o *Livro do Desassossego*, em virtude de sua complexidade e do sentimento do autor, o definir como uma unidade pode parecer indevido diante dos fragmentos soltos e sem uma linearidade fatídica, porém, a característica confessional da obra permite que seja possível o definir como sendo um e sendo vários livros possíveis, pois, assim como seu compositor, o *Livro do Desassossego* atribui o sentimento de vários desassossegados refletidos em muitos trechos de caráter sentimentais e psicológicos encontrados no espólio de Fernando Pessoa.

Com a finalidade de analisar os aspectos que construíram o homem múltiplo que foi Fernando Pessoa, e como este se mostra através da construção dessa obra junto à comparativa da escrita de Bernardo Soares, o presente trabalho se destina a estudar como Pessoa se fazia reflexo do seu semi-heterônimo, dentro da construção dessa obra de caráter fragmentária que revela a identidade do autor, mais uma vez, por detrás de um personagem ficcional.

Diante da influência das Vanguardas, o Movimento Modernista de Fernando Pessoa se apresenta para a burguesia da época expondo seus ideais e de seus colaboradores, que como ele, desejavam seguir o progresso e abandonar os ideais conservadores que não acompanhara a modernidade que o período trouxe, fundando a revista *Orpheu*. O Modernismo é uma forma de expressão pela qual o autor passa a se identificar, sendo o futurismo, na produção de Álvaro de Campos, a mais alinhada com essa estética.

Fernando Pessoa, o homem a quem se destina este trabalho é parte principal à frente das seguintes mudanças artísticas e sociais para a burguesia que consumia a arte do século, com tantos heterônimos ao longo de sua carreira e logo tantas artes produzidas faz sucesso nas revistas e jornais caminhando ao auge durante sua vida e contribuindo com grandes obras e cartas a amigos falando sobre sua vida e a vida de seus heterônimos e principalmente sobre Bernardo Soares em seu grande espólio de fragmentos.

O trabalho está organizado em três capítulos e quatro subcapítulos. O primeiro capítulo é disposto para uma ambientação histórico-cultural da literatura em foco neste trabalho. São explicitadas as características do modernismo e outras vanguardas europeias e como tiveram influência nas escritas da época selecionadas para estudo. Além de citar as guerras que houveram e os movimentos que entraram para a história, todos os detalhes de cada um estão dispostos no capítulo primeiro deste trabalho.

O capítulo segundo é reservado principalmente para os heterônimos de Fernando Pessoa. Primeiramente é possível observar alguns aspectos de sua carreira literária e como se deram os detalhes de sua escrita e caminhada na literatura. Heterônimos como Alberto

Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Vicente Guedes, Álvaro de Campos e entre outros estão presentes neste capítulo como uma das características principais deste escritor.

Por fim, no terceiro capítulo temos o *Livro do desassossego*, pelo semi-heterônimo Bernardo Soares. Este capítulo fala, principalmente, sobre como este heterônimo tem um pouco da verdade de Fernando Pessoa, mesmo não o sendo em sua totalidade. Neste capítulo é abordado temas como sensacionalismo, que está presente também nas obras do heterônimo de Álvaro de Campos.

## 1. As Vanguardas e o Modernismo de Fernando Pessoa

### 1.1 O século XIX

O Movimento Modernista tem início nos primeiros anos do século XX, mas muito antes disso a modernidade já ganhava corda a partir da segunda metade do século XIX, com grandes acontecimentos e descobertas que revolucionaram a política, a ciência, a sociedade, as artes e principalmente o pensamento do homem daquele tempo.

O século XIX é marcado por grandes conflitos bélicos que causaram o declínio dos importantes Impérios Chinês, Francês, Espanhol e do Sacro Império Romano, dando poder e abrindo espaço ao crescimento do Império Britânico, Germânico, Japonês, Russo e dos Estados Unidos da América. Além dessas guerras e revoltas, importante citar a Primeira Revolução Industrial, quando o Império Britânico assumiu grande poder econômico e territorial, já a partir do século XVIII. Com a economia em constante crescimento a Inglaterra avança com fábricas e indústrias que tinham como mão de obra os trabalhadores rurais, no que já seria a Segunda Revolução Industrial em pleno século XIX.<sup>1</sup>

Com a sociedade em progressiva e rápida evolução, os efeitos visíveis da expansão e do crescimento populacional e econômico, e da evolução política e cultural, a Sociologia surge como ciência a partir das ideias do filósofo Auguste Comte<sup>2</sup>, e tinha como objetivo o estudo da sociedade e a organização dos problemas de ordem social. No decorrer do tempo, teorias como o Determinismo<sup>3</sup> e o Positivismo, o Socialismo de Marx e a Psicanálise de Freud tomam espaço frente à tecnologia e a industrialização.

A eletricidade e as máquinas a motor trazem um novo ritmo e uma outra noção de velocidade, e é necessário que, além das fábricas, os outros âmbitos da vida acompanhem a modernidade. Tais mudanças nas Ciências e nos pensamentos filosóficos eram refletidas agora nas Artes. Surgem assim, diversos movimentos estéticos expressando tudo que havia de belo ou não, no novo e de diferentes pontos de vista.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> MOISÉS, Massaud. *Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.

<sup>2</sup> Auguste Comte: autor do famoso *Système de philosophie positive* (1830-1842). A relação que se estabelece entre a filosofia do francês Comte – chamada de "filosofia positiva" ou "Positivismo" – e as várias correntes denominadas de "Positivismo" baseia-se em diversas possibilidades LACEDA, Gustavo. *Augusto Comte e o "positivismo" redescobertos* Rev. Sociol. Polit. vol.17 no.34 Curitiba Oct. 2009.

<sup>3</sup> Princípio segundo o qual todos os fenômenos da natureza estão ligados entre si por rígidas relações de causalidade e leis universais que excluem o acaso e a indeterminação, de tal forma que uma inteligência capaz de conhecer o estado presente do universo necessariamente estaria apta tb. a prever o futuro e reconstituir o passado. (Oxford Languages).

<sup>4</sup> (RÉMOND, René. *O século XX – de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 2005)



## 1.2 O século XX

A Primeira Guerra Mundial provoca nas artes novas propostas estéticas que expressam agora, não só as transformações tecnológicas, culturais e sociais que a modernidade trouxe, mas também as questões humanas colocadas pelo contexto do combate e das mortes em solo europeu. O conceito de arte muda a partir da nova realidade, o que dá início ao Movimento Modernista que surgiu antes da Grande Guerra, já com os movimentos de vanguarda, em relação à literatura, à pintura, ao teatro, mas que agora toma força em todas as expressões artísticas e tem como principal ponto o rompimento com tudo o que venha da tradição acadêmica.

As escolas e os movimentos artísticos começam a surgir com seus variados estilos e diversificadas propostas, corroborando com o que seria de fato o Modernismo, com todas as escolas e seus “Ismos.” Os movimentos culturais traspõem cada vertente da arte, desde a literatura à arquitetura, passando pela música, o design, a pintura, a escultura e o teatro, rompendo com cada centímetro que havia de ligação com a tradição.

Na literatura, o Futurismo surge como movimento precursor, sendo esse um movimento de manifestos sobre os mais variados temas. Filippo Tommaso Marinetti, homem da alta sociedade envolvido com a política italiana publica seu manifesto Futurista, onde preconizava a vida moderna e a destruição da tradição, um texto de ideal fascista que pregava a guerra, mas usava de uma estética impecável com tantas metáforas durante o texto.

Segundo Alfredo Carneiro<sup>5</sup> o movimento futurista é memorável por seu ímpeto e pela potência de seus manifestos de revolução e mudança, e por ser o pioneiro nas literaturas de vanguardas. Seu fundador e principal representante, Filippo Tommaso Marinetti (1876 – 1944), consolida sua carreira literária em 1902 desenvolvendo diversas revistas. Três anos mais tarde publica seu primeiro livro de poemas *La conquête des étoiles*. 1909 é o ano marcante de sua trajetória como futurista com a publicação do seu manifesto futurista, *Le Futurisme* na revista *Le Figaro* em que exaltava a vida moderna e a destruição do passado, um movimento marcado pela forma subversiva que era promovido abrange todas as artes e chega até a política:

---

<sup>5</sup> CARNEIRO, Alfredo. *O futuro chegou: conheça o Manifesto Futurista*. Netmundi.org. 2014. Acesso em: 02/10/2020

Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e da temeridade [...] Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem. [...] Nós cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela sublevação; cantaremos as marés multicores e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas; as estações esganadas, devoradoras de serpentes que fumam; as oficinas penduradas às nuvens pelos fios contorcidos de suas fumaças; as pontes, semelhantes a ginastas gigantes que cavalgam os rios, faiscantes ao sol com um luzir de facas; os piróscafos aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre os trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma bandeira, e parece aplaudir como uma multidão entusiasta.[...] *Manifesto Futurista* – Marinetti

Dividido em três fases, o Expressionismo tinha como papel a expressão do que se tinha dentro da alma. Segundo Gilberto Mendonça Teles o termo surge no primeiro ano do século XX para caracterizar uma série de quadros do pintor Francês Julien-Auguste Hervé. A segunda fase abrange o período de guerra e atinge seu auge produtivo devido ao sentimento de instabilidade que se tinha diante da efetiva existência que, tomada por insegurança, fizera com que os artistas produzissem obras impactantes e repletas de uma carga emocional e dramática devido ao período de guerra. A terceira fase corresponde a República de Weimar, estabelecida após a Primeira Guerra Mundial e tem permanência até a ascensão de Hitler em 1933. <sup>6</sup>

O nomeado Cubismo, inicialmente aplicado às pinturas com formas geométricas, fora aplicado para a Literatura devido aos poetas usarem da realidade fracionada em suas poesias. Mas a questão aplicada aqui era de que todas as artes se apoiavam mutuamente com o intuito da popularização das novas técnicas e linguagens usando dos escritos de Baudelaire como “código das relações sintáticas entre os elementos do Universo, como doutrinas órficas de harmonias secretas”. <sup>7</sup>

O Dadaísmo é o movimento subsequente onde o Expressionismo, o Futurismo e o Modernismo se encontram e se dá de fato a evolução literária, cuja poesia tinha como característica ilogismos e ia contra o intelectual com uma linguagem um tanto caótica. Apesar de não produzir uma literatura veemente, foi um movimento de ligação internacional entre as

---

<sup>6</sup> DANTAS, E. F. M. *Literatura Brasileira IV*. Biblioteca Virtual UFPB.2010

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 157

artes e as vanguardas, que vai contra os moldes e valores instituídos e agora dizimados de qualquer sentido lógico. Com artes que partiam do caos e da desordem usando coisas do cotidiano os artistas pretendiam impactar a burguesia com uma arte de protesto sem ligação com valor estético da arte tradicional. <sup>8</sup>

O Surrealismo é a última das vanguardas modernistas e, apesar de ser considerado um movimento anti-literário, tinha como pretexto a reconstrução do mundo diante da realidade deixada após as duas Grandes Guerras. Construía uma nova maneira de pensar a partir de artistas que, influenciados pela teoria psicanalítica de Freud, procuravam expressar o abstrato, o irreal, o inconsciente, estudando experiências com os sonhos e o sono hipnótico, libertando-se da lógica e da razão imposta pela tradição, as artes livres das relações culturais. Um movimento que deve o nome a André Breton, seu principal predecessor que acreditava que a arte para se fazer valer deveria ter um viés revolucionário - a partir de manifestos publicados por ele. O Movimento surge como luta contra a destruição que estava sendo causada pelo racionalismo, usando como escudo contra o racional, a atividade criativa do inconsciente, libertando o homem das meras relações culturais, buscando a emancipação do homem fora da lógica. Em 1941 o movimento teve fim com a partida de Breton para os Estados Unidos, dando espaço para o Existencialismo dos filósofos Heidegger, Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel. <sup>9</sup>

A teoria Existencialista trata-se de um movimento literário e filosófico baseada na atitude existencial do ser humano em que este é responsável por dar sentido a sua existência enquanto ser. Apesar de haver elementos dessa filosofia ainda na Grécia Antiga, o Existencialismo se torna comum com as obras de Søren Kierkegaard<sup>10</sup> fundador da teoria no século XIX, Jean-Paul Sartre, e nas obras de Dostoiévski, Nietzsche, entre outros; o Existencialismo se torna popular de fato em meados do século XX com a crise da existência humana por conta do período pós-guerras devido a situação em que a sociedade e as relações quotidianas se encontraram, e é nesse meio onde a filosofia e a literatura se aglutinam.

Diferente de teorias como o Positivismo e a Metafísica, o Existencialismo não busca uma verdade absoluta sobre os modos de ser, e sim conjectura que além de seres racionais o

---

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 160

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 163/164.

<sup>10</sup> Søren Kierkegaard (1813-1855) Filósofo dinamarquês e pai do Existencialismo, uma vertente da filosofia que discute propósitos, causas e consequências das ações humanas no âmbito da realidade individual. RUANO, Bruno. Søren Kierkegaard e o Existencialismo. 6/10/2015

ser humano também é um ser emocional e que tem como princípios a liberdade de escolha, e o reconhecimento das emoções, onde entende que cada ser humano possui sua essência e esta vai definir o que cada um vai se tornar diante de suas escolhas, o Existencialismo dispõe o ser a se fazer responsável pela sua liberdade e incertezas.<sup>11</sup> É possível encontrar traços dessa filosofia nos escritos de Bernardo Soares que levava uma vida ascética como forma de sacrificar o cotidiano que o consumia, produzindo o *Livro do Desassossego* de maneira a suplantar a insignificância do existir.

### 1.3 O Modernismo

O Movimento Modernista tem como proposta a construção de uma nova realidade na Arte, diante dos acontecimentos efervescentes e extraordinários que acabaram por destruir o pensamento clássico e tradicional do século. O Modernismo tem por base correntes filosóficas e movimentos artísticos, que construíram com propostas inovadoras e surpreendentes, mas todas com um único propósito, a construção de um mundo novo deixando para trás todo o passado que não acompanhara a modernidade e a velocidade que as revoluções industriais e tecnológicas, e a Guerra Mundial trouxeram, marcas permanentes daquele período da história que fizeram do início do século XX um momento de grandes transformações, um marco não só para o âmbito social, mas também econômico, político, religioso, moral e conseqüentemente artístico, Onde a vida agora era movida a motor e o pensamento ligado por uma corrente elétrica chamada Modernidade.

A partir daí, os artistas modernistas fundiam forças ideológicas e episódios sociais para escrever o presente e o futuro de uma geração, marcada por profundas transformações artísticas que mais tarde chegariam também no Brasil com a popularização da “*Belle Époque*”. Na luta por uma reforma cultural, Portugal e Brasil difundiam cada um dentro de suas fronteiras o Movimento Modernista, ignorando-os entre si apesar da comunicação que se estabelecia entre os dois países, pois, cada um se ocupava de suas necessidades específicas enquanto nações distintas e por contextos históricos particulares<sup>12</sup>. A Belle Époque foi no final do Século XIX!

---

<sup>11</sup> CARRASCO, Bruno. *O que é Existencialismo?* Ex Isto. 03/2019 - Acesso em: 20/10/2020

<sup>12</sup> JOHANSSON, Maurienne Caminha. *O Modernismo Português e o Modernismo Brasileiro: questões de identidade literária e sociocultural*. Tese (Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Aberta, [S.l]: 2015.

O Modernismo Português teve 3 importantes vertentes, sendo a primeira delas o Orfismo, que traz menção aos escritores que produziram a revista *Orpheu* sendo Fernando Pessoa ao lado de Sá Carneiro e Almada Negreiros os responsáveis por levar para Portugal as discussões políticas e culturais da Europa, um movimento regido pela técnica e pela velocidade do mundo novo que trazia infinitas possibilidades de pensamento e visão de mundo.

Anos após a falência da revista *Orpheu* outra vertente se estabelece baseada agora na revista *Presença*, fundada por Branquinho da Fonseca, Gaspar Simões e José Régio no ano de 1927 trazendo temas acerca da teoria literária e as novas formas de expressões apoiadas pela teoria psicanalítica de Freud, e abraçando aqueles que ficaram de fora do Orfismo.

A última das vertentes é caracterizada por combater o Fascismo e defender que a literatura é também uma forma de crítica social. Com uma proposta que surge em diálogo com o Modernismo brasileiro com nomes importantes como Graciliano Ramos e Jorge Amado, o Neorrealismo representava a busca pelo rompimento com o passado e uma visão descontraída da política, da cultura e da arte portuguesa.

A frente do Modernismo Brasileiro, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Mario de Andrade, Menotti del Picchia e Tarsila do Amaral compunham o grupo que estreava como artistas Modernistas, com o propósito de uma valorização nacional e pela busca do moderno e original com a Semana de Arte Moderna de 1922. Assim como em Portugal, o Modernismo Brasileiro é marcado por manifestos nacionalistas.

## 2. Fernando Pessoa e seus heterônimos

Falar do Modernismo Português é falar de Fernando Pessoa, uma das figuras mais importantes e centrais desse movimento em Portugal. Fernando Pessoa se destaca principalmente na literatura como poeta e crítico literário. Mas sua vida como escritor tem início antes do Modernismo. Ainda muito jovem Pessoa fica órfão de pai e um ano após o falecimento surge seu primeiro heterônimo, Chevalier de Pas, a quem o jovem Pessoa de apenas 6 anos de idade, visava suplantar a morte do pai, escrevendo um de seus primeiros poemas destinado à sua mãe -*À Minha Querida Mamã*- que logo se casa novamente e parte para a África. Com 11 anos Fernando Pessoa cria outros dois heterônimos, esses, irmãos Alexandre Search e Charles James Search, o que leva Pessoa a se aproximar mais ainda da

literatura inglesa, pois tinha como referência autores de máximo renome como William Shakespeare, Allan Poe, Lord Byron, entre outros, de onde toma influência para seus primeiros poemas.<sup>13</sup>

Mais tarde Fernando Pessoa regressa a Portugal, onde passa a trabalhar como correspondente comercial e a ter um contato mais direto com a literatura exercendo a função de tradutor de obras midiáticas, o que aprofunda sua relação cultural com os clássicos greco-latinos instigando-o a criar outros dois heterônimos, Charles Robert Anon e H.M.F. Lecher que tem forte presença tanto em prosa como em poesia, e escritos filosóficos e psiquiátricos. Outras personalidades de Pessoa são os irmãos Crosse. Thomas Crosse, ensaísta e tradutor sendo o mais documentado traduzia para inglês os escritos de Alberto Caeiro a quem era incumbida a função de divulgar em inglês, a cultura portuguesa e o movimento Sensacionista que ali permeara. I. I. Crosse por sua vez, dedicar-se-ia às obras de Álvaro de Campos, A. A. Crosse, um charadista e cruzadista a quem Pessoa usava em concursos de charadas, e o nome a quem está destinado correspondências de Ofélia de Queirós. Mas apesar de importantes na vida do autor, não tiveram tanta força e glória como Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, heterônimos esses que viriam a fazer a história e fama de Fernando Pessoa.<sup>14</sup>

Começando como ensaísta e crítico literário Fernando Pessoa passa a publicar na revista *A Águia* onde publica seu primeiro artigo *A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada* Seguidos de “*Reincidindo...*” e “*A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico*”. Mais tarde em 1915 Fernando Pessoa introduz o Modernismo em Portugal, ao lado de Almada Negreiros, Mario de Sá-Carneiro, Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho quando lançam a revista *Orpheu* caracterizando o que viria a ser a primeira fase modernista em Portugal. Carregadas de publicações revolucionárias e visionárias com base nas ideias futuristas a revista desencadeou uma enorme controvérsia pelos críticos e pela população que ridicularizava os autores.<sup>15</sup>

A revista foi a oportunidade de Pessoa desenvolver um novo heterônimo a quem daria o nome Álvaro de Campos o mais importante heterônimo de Pessoa que viria a ser um verdadeiro alter ego dele. Com a personalidade de um engenheiro futurista e de temperamento inconformado e agressivo, escreve com emoção em seus versos o otimismo da civilização, a liberdade de expressão. E é na revista *Orpheu* que te seu escrito *Ode Triunfal*, e

---

<sup>13</sup> ZENITH, Richard. *Modernismo– O arquivo virtual da geração de Orpheu*. [S.l.], 2020.

<sup>14</sup> DINE, Madalena. *Modernismo – O arquivo virtual da geração de Orpheu*. [S.l.], 2020.

<sup>15</sup> Presença, nº 17. Coimbra: Dez. 1928 (ed. facsimil. Lisboa: Contexto, 1993), p.250.

mais tarde teria o poema *Tabacaria*, um de seus escritos mais importantes publicado na revista *presença*.<sup>16</sup>

O heterônimo de Alberto Caeiro é um homem do campo que descarta o pensamento filosófico, e reduz tudo a objetividade e subjetividade visual que tem como “base o escritor Cesário Verde, citado em vários de seus poemas e o verso livre e linguagem simples” usada em seus escritos. Caeiro escreve que “Tudo é como é” que simples como tal frase considera que a sensação é a única realidade, tendo assim, mais importância que o pensamento. É considerado por Pessoa e pelos outros heterônimos um mestre ingênuo.<sup>17</sup>

Ricardo Reis surge como heterônimo quando Fernando Pessoa pensa em escrever poemas de natureza pagã. Pessoa atribui a Ricardo Reis a profissão de médico, acreditava na monarquia e vai embora para o Brasil quando a república é estabelecida em Portugal. Assim como sua escrita, era um homem culto que acreditava no estoicismo e na teoria do epicurismo, “doutrina que acredita em evitar a dor, aproveitar a vida e não ter medo de morrer”, talvez por isso seu criador não tenha determinado sua morte. Suas primeiras obras foram publicadas na revista *Athena* e mais tarde suas Odes na revista *Presença*.<sup>18</sup>

Caixa Postal 147  
Lisboa, 13 de Janeiro de 1935.

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis).

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase:

---

<sup>16</sup> PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Lisboa: Publ. Europa-América, 1986, p. 199.

<sup>17</sup> PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1996, p. 329.

<sup>18</sup> Idem, p. 385.

aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.<sup>19</sup>

Bernardo Soares, um ajudante de guarda livros em Lisboa, é considerado um semi-heterônimo pelo próprio Pessoa, que assume sendo uma parte de si e declara “não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu mesmo o raciocínio e afectividade”. Fernando Pessoa escreve o *Livro do Desassossego* em vários de seus momentos de introspecção e assim constrói a obra. Em carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro, Pessoa insinua estar escrevendo o que seria o *Livro do Desassossego*, onde após sua morte os vários desses fragmentos continham a sigla “L do D”; uma obra não só inacabada, mas um texto em permanente concepção por não possuir uma cronologia.<sup>20</sup>

O personagem de Bernardo Soares vai sendo construído à medida que a obra é escrita, e assume assim uma “autoria própria”, apesar dos personagens de Vicente Guedes e Barão de Teive assumir alguns dos escritos. No decorrer do tempo, Soares passa por diversas metamorfoses, observável na obra por seu caráter auto reflexivo e pelo contexto em que Fernando Pessoa estava inserido. Diferente dos outros heterônimos, Pessoa faz de Bernardo Soares um escritor de prosa poética que para o mesmo “a prosa é maleável e permite transformar o mundo ou gerar cenários alternativos”, mas não se resume a isto, é também um “*drama em gente, em vez de em actos*”.<sup>21</sup> A narrativa se desdobra em torno da permanente mudança do mundo real, pois Fernando Pessoa, junto a Bernardo Soares vive o fim da monarquia, acompanha a Primeira Guerra Mundial e o início da ditadura, produzindo uma estética única, influenciado pelo simbolismo, pelo futurismo e por ser o homem por detrás do Modernismo Português, o qual faz parte dele e de suas obras, fazendo do *Livro do Desassossego* uma narrativa de sensações.

Sobre os diversos heterônimos de Pessoa e as personalidades atribuídas a eles é que cada um possuía sua singularidade nos diferentes estilos de escrita e também pelos personagens a quem dava vida. E como diz o próprio Pessoa, cada um era um pouco dele,

---

<sup>19</sup> PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Lisboa: Publ. Europa-América, 1986, p.199.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> ZENITH, Richard in *Livro do Desassossego composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. (Prefácio) Lisboa: Assírio e Alvim, 2006, p.199.



citação feita por ele em um rascunho de uma carta que escrevia ao amigo Casais Monteiro onde revela:

Tive sempre, desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas. Não tinha eu mais que cinco anos, e, criança isolada e não desejando senão assim estar, já me acompanhavam algumas figuras de meu sonho — um capitão Thibeaut, um Chevalier de Pas — e outros que já me esqueceram, e cujo esquecimento, como a imperfeita lembrança daqueles, é uma das grandes saudades da minha vida.

Figuras estas que construíram o modernismo de Fernando Pessoa e que intencionalmente ou não acabaram por perpassar pelas vanguardas do que foi Movimento Modernista.<sup>22</sup>

## 2.1 O ajudante de guarda livros

O heterônimo de Vicente Guedes nasce em 1909 como contista e tradutor de autores importantes como Lord Byron, Shelley e também de outros heterônimos do próprio Fernando Pessoa como os irmãos Search, entre outros. Com essas habilidades, Vicente Guedes surge entre os tantos “eus” que formaram o espectro heteronímico de Pessoa. No ano seguinte, Guedes passa a assinar diversos poemas (dos quais, quatro tiveram sua publicação em *Obra Essencial de Fernando Pessoa*, v. 4, *Poesia dos Outros Eus*, Lisboa, Assírio e Avim, 2007) e em 1914 tem sua estreia como diarista, com um texto datado de 22/08/1914 de título “*Crônica Decorativa*” mais tarde rebatizado de “*Diário de Vicente Guedes*” o qual não teve continuação. Mas em 1915 Guedes passa a assinar o *Livro do Desassossego*, uma obra ainda reduzida com trechos de caráter simbolista, mais tarde delineados como “grandes trechos” contribuindo também com seu “Diário sem Factos”, “a biografia de alguém que nunca teve vida [...] este livro não é dele: é ele.” Sugerindo assim que a escrita do livro é o que constitui a persona Vicente Guedes.

Vicente Guedes é quem dá nome ao *Livro do Desassossego*, mas é Bernardo Soares quem dá vida à obra, apesar de Guedes assumir os primeiros escritos do livro, e ter recebido vida por volta do ano de 1909 com listas de contos e poemas, assinados por ele e mais tarde encontrados no espólio pessoano; Bernardo Soares surge por volta de 1920 como autor de um

---

<sup>22</sup> PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. (Introdução, organização e notas de Antóónio Quadros.) Lisboa: Publ. Europa-América, 1986, p.199.

extenso projeto de obras que compreende contos, ensaios, novelas, todos outorgados a Bernardo Soares. Uma lista de dez contos deixada por Pessoa é a única pista sobre Soares, datada de 1920, que levava acima o nome de “B. Soares” onde estaria escrito “Taquiografia”, o que deixou suposições de que Soares era taquígrafo e que estava ambientado com o trabalho de escritório.

Em se tratando da construção do personagem enquanto autor do livro, Bernardo Soares se desenvolve conforme a obra se desenrola. À medida que o livro é escrito, o personagem evolui e assume a autoria dos trechos, algo que acontece de forma “fragmentária” entre os anos de 1927 e 1935, de acordo com Gaspar Simões (Simões, 1983), apesar de Barão de Teive assumir uma pequena parte dos escritos que compreende ao ano de 1929. O livro passa a ser escrito exclusivamente por Soares no ano de 1932. Durante o processo de escrita o personagem passa por diversas modificações por se tratar do caráter auto-reflexivo que a obra leva, motivado por momentos de introspecção o qual Fernando Pessoa escreve na carta sobre a gênese dos heterônimos de 1935 na qual explica que Soares lhe aparecia “sempre que estou cansado ou sonolento”. O que resulta em uma prosa centrada nas ações “sem nexos” do seu autor.

Fernando Pessoa escreve “Soares não é poeta. Na sua poesia é imperfeito e sem a continuidade que tem na prosa; os seus versos são o lixo da sua prosa, aparas do que escreve a valer”. Soares ressalta que “na prosa falamos livres” enquanto “como a música o verso é limitado por leis rítmicas”<sup>23</sup>. Apesar de acreditar que a prosa é capaz de mudar o mundo, o *Livro do Desassossego* centra suas ações nas ações de uma personalidade introspectiva. Ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa, Bernardo Soares está familiarizado com o ambiente e relata a monotonia do cotidiano e as sensações frequentes de desassossego e tristeza, os quais descreve em cada trecho da obra como no seguinte trecho:

Escrevo, triste, no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei. E penso se a minha voz, aparentemente tão pouca coisa, não encarna a substância de milhares de vozes, a fome de dizerem-se de milhares de vidas, a paciência de milhões de almas submissas como a minha ao destino quotidiano, ao sonho inútil, à esperança sem vestígios. Nestes momentos meu coração pulsa mais alto por minha consciência dele. Vivo mais porque vivo maior.

(*Livro do Desassossego*. Trecho 6.p.46)

---

<sup>23</sup> PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020, p.23.

A escrita de Soares se revela como uma interação com a cidade de Lisboa e seus habitantes, relatando os dias a partir de sua impressão e das sensações que manifestavam em seu interior e seu subconsciente, algo que ia de acordo com o Sensacionismo presente na literatura de Alberto Caeiro, criador do movimento que tem como premissa a filosofia que todo o conhecimento advém das sensações e que tem como princípio “Sentir tudo de todas as maneiras, viver tudo de todos os lados, Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo, realizar em si toda a humanidade de todos os momentos num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.”<sup>24</sup> Apesar de não escrever uma história contínua é possível vislumbrar os personagens do dia a dia e os lugares os quais Soares frequentava.

Bernardo Soares não deixa perpassar que o livro é uma obra ficcional a qual ele está sujeito aos pensamentos reclusos e sensações de Fernando Pessoa, ao qual está refém, que se escondia atrás do heterônimo de Soares sempre que se sentia sonolento ou cabisbaixo o que faz de Bernardo Soares um semi-heterônimo de Fernando Pessoa; como o próprio ortônimo relata em carta a Adolfo Casais Monteiro “É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela.” o que faz de Bernardo Soares um personagem de valor visto que, diferente dos outros heterônimos, se faz mais como uma personalidade de Fernando Pessoa do que como Bernardo Soares personagem, que embora sujeito ficcional leva muito do seu ortônimo, a iniciar pela perda do pai muito cedo, pelos lugares que ambos frequentavam e até “o cigarro barato” que ambos fumavam.

### 3. Bernardo Soares: Fernando Pessoa no espelho

O primeiro escrito do *Livro do Desassossego* é datado do ano de 1913 com a publicação de “Na floresta do Alheamento”, e segundo Richard Zenith, assinado pelo próprio Fernando Pessoa, tendo dado vida a obra antes mesmo da vida dos seus três principais heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.<sup>25</sup>

O autor dessa edição faz citação ao “primeiro documento contido no primeiro envelope” (ibid. p.10) do espólio de Pessoa, que traz a indicação “A. De C. ou L. do D. (ou

---

<sup>24</sup> CAMPOS, Álvaro. *Passagem das Horas*. In: PESSOA, Fernando Lisboa: Livro de Versos. Lisboa: 1916.

<sup>25</sup> ZENITH, Richard. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. Prefácio p. 9

outra coisa qualquer)” e faz analogia entre Bernardo Soares e Álvaro de Campos do último período com “concordância intelectual e emocional” entre ambos e correlação até entre os cafés e a tabacaria que frequentavam.

Eram personagens de origem bem diversa no mundo definido por Pessoa, mas acabaram por ocupar o mesmo campo da sua sensibilidade, que por sua vez foi definida, ou muito colorida, pela cidade de Lisboa. Campos, Soares, Pessoa e Lisboa são, num certo registro, sinônimos.<sup>26</sup>

Além de Álvaro de Campos, o sensationismo está presente na obra de Soares à medida que este veicula sua percepção diante da realidade a das sensações que as remete à melancolia da monotonia e do tédio trágico de existir:

Neste crepúsculo das disciplinas, em que as crenças morrem e os cultos se cobrem de pó, as nossas sensações são a única realidade que nos resta. O único escrúpulo que preocupe, a única ciência que satisfaça são os da sensação.[...] Pertencço a uma geração — ou antes a uma parte de geração — que perdeu todo o respeito pelo passado e toda a crença ou esperança no futuro. Vivemos por isso do presente com a gana e a fome de quem não tem outra casa. E, como é nas nossas sensações, e sobretudo nos nossos sonhos, sensações inúteis apenas, que encontramos um presente, que não lembra nem o passado nem o futuro, sorrimos à nossa vida interior e desinteressamo-nos, com uma sonolência ativa, da realidade quantitativa das coisas.<sup>27</sup>

Em carta a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa revela que a persona Bernardo Soares lhe aparece “sempre que está cansado ou sonolento” e o define como sendo um semi-heterônimo. “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade.”<sup>28</sup> Apesar de se parecer tanto com seu ortônimo não se pode esquecer que a obra é uma ficção, e não é um diário de Bernardo Soares e menos ainda de Fernando Pessoa. Contudo, Vicente Guedes, a primeira personalidade a escrever para o livro no ano de 1914 um texto intitulado de *Crônica Decorativa* e mais tarde rebatizado como *Diário de Vicente*

---

<sup>26</sup> ZENITH, Richard. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, P. 10.

<sup>27</sup> Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.II. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. - 329

<sup>28</sup> Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas . Fernando Pessoa. (Introdução, organização e notas de Antóónio Quadros.) Lisboa: Publ. Europa-América, 1986. - 199

Guedes,<sup>29</sup> que na verdade trata de uma homenagem a Fialho de Almeida. Não houve uma continuação para o diário, mas no ano seguinte Guedes passa a assinar o que seria o *Livro do Desassossego*. Richard Zenith enuncia:

A faceta diarística desta obra era ainda reduzida em relação, por exemplo, aos grandes trechos de pendor simbolista, e não é impossível que Guedes, num primeiro momento, tenha sido encarregado de contribuir apenas com os conteúdos de um diário que ocuparia uma de várias secções do Livro, mas se assim aconteceu, depressa foi promovido a autor da obra toda, ganhando, com isso, espessura biográfica.<sup>30</sup>

Para saber melhor quem é Vicente Guedes, Pessoa escreve sobre essa personalidade a quem “conheceu de forma casual num restaurante onde os dois costumavam almoçar e jantar, e por vezes saíam juntos para passear e conversar”. Quando fala de Guedes, Fernando Pessoa o delinea como “uma das almas mais subtis na inércia, mais debochadas no puro sonho que tem visto este mundo.” um homem que “suportava aquela vida nula com uma indiferença de mestre. Um estoicismo de fraco alicerçava toda a sua atitude mental”<sup>31</sup> E cita o livro como “a biografia de alguém que nunca teve vida...” e diz ainda que “Este livro não é dele: é ele. Mas lembremo-nos sempre do que, por detrás de tudo quanto aqui está dito, coleia na sombra, misterioso.”<sup>32</sup> Ainda que Vicente Guedes seja denominado inicialmente como autor do *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa entra em colapso por não saber o que fazer com os primeiros trechos pós-simbolistas, visto que a prosa de “*Na Floresta do Alheamento*” não condizia mais com os textos diarísticos.

Richard Zenith declara que, embora Vicente Guedes seja nomeado como autor do livro em várias declarações, nunca houve menção a Guedes em nenhum escrito do período pós-simbolista. Mas o ponto aqui é: como acontece a rápida metamorfose da obra e como os “desassossegos” se apresentam diferente diante de cada autor:

A expressão de seus respectivos desassossegos era, porém, diferente, sendo a de Guedes um tanto abstrata e impessoal, como se estivesse alheado do próprio mal existencial, enquanto o desassossego de Soares era sentido na

---

<sup>29</sup> LOPES, Teresa Rita, *Pessoa por Conhecer*, v. II, p. 230

<sup>30</sup> ZENITH, Richard. *Modernismo– O arquivo virtual da geração de Orpheu*. [S.l.], 2020

<sup>31</sup> ZENITH, Richard. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, AP1, p 507.

<sup>32</sup> ZENITH, Richard. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, AP1, p 508

pele, nos momentos e fatos corriqueiros do cotidiano. O guarda-livros era mais íntimo, mais francamente confessional que o seu antecessor.<sup>33</sup>

Bernardo Soares surge aproximadamente após 16 anos do primeiro escrito pertencente ao *Livro do Desassossego*. Ainda com escrita pós-simbolista e com uma personalidade não muito bem definida, são publicados então dois trechos em seu nome no ano de 1929, no qual não havia nada sobre a persona Bernardo Soares, e sim sobre clarins e tambores, cavaleiros e “princesas dos sonhos dos outros”.<sup>34</sup> Em 1930 o livro encontra sua personalidade agora bem definida: é Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, da Rua dos Douradores onde reside e trabalha, e nas horas vagas escreve sobre a vida monótona e sem graça.

Ainda no início, quando começa a escrever o livro, e muito tempo antes do surgimento de Bernardo Soares, Fernando Pessoa escreve uma carta datada de 04 de outubro de 1914 para o amigo Armando Cortês-Rodrigues na qual relata “uma depressão profunda e calma. “Estou há dias, ao nível do *Livro do Desassossego*. E alguma coisa dessa obra tenho escrito. Ainda hoje escrevi quase um capítulo todo.”<sup>35</sup> E em outra carta ao mesmo amigo escrita no mês seguinte diz “O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos”.<sup>36</sup> Depressão que acompanhara Pessoa nos anos seguintes de sua vida e torna o livro uma obra inacabada e inacabável que preparou durante o restante de sua vida.

Richard Zenith sugere que Bernardo Soares tenha assumido não só a autoria da obra como também a biografia de Vicente Guedes.<sup>37</sup> Assim como Guedes, Soares também era diarista, trabalhava num escritório e também morava num quarto andar da cidade de Lisboa. E afirma que se houve uma mudança nesse personagem é porque seu criador também havia mudado, pois havia envelhecido, (p.22) e que agora não era mais o Soares contista que escrevia, mas sim o Soares desassossegado, o que lhe dá a apropriação de autor fictício do Livro.

---

<sup>33</sup> MIRANDA, Thalita. *O POETA, A CIDADE E O DESASSOSSEGO: PERCEPÇÃO ESPACIAL E PAISAGEM NA PROSA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA*. Tese (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2015

<sup>34</sup> ZENITH, Richard. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, AP1, p 54. trecho 19

<sup>35</sup> Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortês-Rodrigues. (Introdução de Joel Serrão.) Lisboa: Confluência, 1944 (3.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1985).- 36.

<sup>36</sup> Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortês-Rodrigues. (Introdução de Joel Serrão.) Lisboa: Confluência, 1944 (3.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1985). - 39.

<sup>37</sup> ZENITH, Richard. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, AP1, p 21

No prefácio da obra, escrito pelo próprio Pessoa, o autor relata o episódio em que conheceu o homem o que iria inspirar. “Quase sempre encontrava um indivíduo cujo aspecto, não me interessando a princípio, pouco a pouco passou a interessar-me.” (ZENITH, 2011, p.37) Com o passar dos dias e a frequência dos encontros ao acaso, Pessoa passa a reparar com cautela e um interesse curioso na personalidade do homem que buscava sossego como os outros que ali compareciam:

Na face pálida e sem interesse de feições um ar de sofrimento não acrescentava interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava — parecia indicar vários, privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido muito. Verifiquei que um certo ar de inteligência animava de certo modo incerto as suas feições. Mas o abatimento, a estagnação da angústia fria, cobria tão regularmente o seu aspecto que era difícil descortinar outro traço além desse.<sup>38</sup>

Até que um acontecimento inusitado os levou a trocar “uma frase casual”, e desde então ambos passaram a se cumprimentar com certa regularidade até o dia que chegaram a uma conversa fortuita, em que Pessoa lhe fala da revista *Orpheu* e o indivíduo a elogia, porém, diz não se surpreender com essa arte, “e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, só ia gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também.” (ZENITH, 2011, p. 38)

Quando Pessoa fala sobre a vida desse indivíduo, pode-se observar uma certa semelhança com a sua própria história. Pessoa nasceu em Portugal e após ficar órfão de pai aos 5 anos, parte para a África do Sul com a família onde recebeu educação inglesa. Anos mais tarde retorna a Lisboa com a família. Em 1903, Pessoa retorna à África sozinho e passa a frequentar a Universidade de Capetown, porém retornou no ano seguinte para se matricular no curso de Letras que deixou no ano seguinte pra dedicar-se a ler e escrever recusando vários empregos, só então em 1908 passou a trabalhar como autônomo em escritórios comerciais, então, anos mais tarde viria a liderar o grupo fundador da revista *Orpheu*.

O homem sobre quem Pessoa escreve no prefácio da obra era ajudante de guarda-livros e trabalhava em um escritório da cidade de Lisboa, assim como ele mesmo, o homem dedicou-se a escrever prosa:

---

<sup>38</sup> Idem, p.37.

Nada o obrigara nunca a fazer nada. Em criança passara isoladamente. Aconteceu que nunca passou por nenhum agrupamento. Nunca frequentara um curso. Não pertencera nunca a uma multidão. Dera-se com ele o curioso fenómeno que com tantos — quem sabe, vendo bem, se com todos? — se dá, de as circunstâncias ocasionais da sua vida se terem talhado à imagem e semelhança da direcção dos seus instintos, de inércia todos, e de afastamento. Nunca teve de se defrontar com as exigências do Estado ou da sociedade. Às próprias exigências dos seus instintos ele se furtou. Nada o aproximou nunca nem de amigos nem de amantes. Fui o único que, de alguma maneira estive na intimidade dele. Mas — a par de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e de suspeitar que nunca ele me teve realmente por amigo — percebi sempre que ele alguém havia de chamar a si para lhe deixar o livro que deixou. Agrada-me pensar que, ainda que ao princípio isto me doesse, quando o notei, por fim vendo tudo através do único critério digno de um psicólogo, fiquei do mesmo modo amigo dele e dedicado ao fim para que ele me aproximou de si — a publicação deste seu livro.<sup>39</sup>

Assim como o próprio Pessoa declara, Jorge de Sena<sup>40</sup> reitera a proximidade da personalidade entre o semi-heterônimo e seu ortônimo, e declara que a obra “era uma espécie de refugio de tudo o que não chegava a ser de ninguém, dos outros; é uma espécie de depósito da fragmentária tristeza de Pessoa, que, até certo ponto, para que ele existisse, sofria a suspensão existencial deles.”<sup>41</sup> Tristeza essa, que corrobora com a “depressão profunda e calma” à qual Fernando Pessoa enfrentou.

De forma inconsciente ou não, Pessoa reconhece uma afinidade com Soares e com o desconhecido dentro de si. Uma angustia e questionamentos incessante sobre a monotonia de viver e fazer da vida um sonho lucido e insubstancial, que traz à obra o caráter de metamorfose e idealização da realidade, usando da imaginação como redenção dos sofrimentos trazidos pela existência e que encontra conforto para a alma desassossegada de Pessoa/Soares. A característica de sonhador permeia a obra por diversos escritos:

Estou quase convencido de que nunca estou desperto. Não sei se não sonho quando vivo, se não vivo quando sonho ou se o sonho e a vida não são em mim coisas mistas, interseccionadas, de que meu ser consciente se forme por interpenetração.<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> FRAZÃO, Dilva. *Resumo da Biografia de Fernando Pessoa*. EBiografia. Última atualização: 31/07/2020- Acesso em: 10/12/2020

<sup>40</sup> Jorge de Sena nasceu em Lisboa, a 2 de novembro de 1919, e faleceu em Santa Barbara, na Califórnia, a 4 de junho de 1978. É hoje considerado um dos grandes poetas de língua portuguesa e uma das figuras centrais da cultura do nosso século XX.

LOURENÇO, J. F. *Uma Bibliografia sobre Jorge de Sena*, cvc.instituto-camoes.pt: 1991

<sup>41</sup> BUESCU, Helena C.et al. *Programa e Metas Curriculares de Português. Ensino Secundário*. Janeiro de 2014. Governo de Portugal - Ministério da Educação e Ciência

<sup>42</sup> Idem p.280.



Mas, enfim, também há universo na Rua dos Douradores. Também aqui Deus concede que não falte o enigma de viver. E por isso, se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrair de entre as rodas e as tábuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter.<sup>43</sup>

Segundo Charles Dias Gonçalves<sup>44</sup> a obra remete um caráter melancólico e que aponta traços freudianos, diante da ”exposição de características de Soares, frente ao mundo:”

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo [...] a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da auto-estima está ausente no luto; afora isso, porém, as características são as mesmas.<sup>45</sup>

Além de Guedes, Bernardo Soares apresentava muitas características semelhantes à de seu ortônimo, assim como a de escrever prosa, da vida monótona e tediosa que ambos compartilhavam, dos escritórios onde cada um trabalhava, das ruas da baixa lisboeta que faziam parte dos seus cotidianos, dos restaurantes onde costumavam jantar até os modos de pensar, sentir e exprimir-se. O próprio Pessoa evidencia a forma como a personalidade de Bernardo Soares era de fato a sua em carta a Casais Monteiro.<sup>46</sup>

Pessoa encontra em Soares a personalidade perfeita, “e que era ele mesmo, apenas um pouco mutilado para dar unidade a um livro que por natureza, nunca poderia tê-la.” (ZENITH, 2011, 26) A ficção de Fernando Pessoa, que é Bernardo Soares se desenvolve no decorrer do drama das reflexões humanas, do tédio do cotidiano e do sonho, sendo esse último o mais importante para a construção do personagem que era sonho e agora tem “autonomia” para sonhar e sentir, por ser uma mutilação da personalidade de seu autor.

---

<sup>43</sup> Ibid. p. 421

<sup>44</sup> GONÇALVES, C. D. *Livro do Desassossego: cenas em cenas da cidade moderna. (...) E talvez “Fernando Pessoa não exista - propriamente falando”*. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>45</sup> FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. [S.l.]: Standard brasileira, p. 276).

<sup>46</sup> PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Lisboa: Publicações Europa-América, 1986, p.199.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho pudemos ver, primeiramente, a organização histórico-cultural da literatura como as Vanguardas, as Guerras, acontecimentos do século XX, os movimentos artísticos da época e como os mesmos tiveram uma forte influência sobre os escritos de Fernando Pessoa. Além disso, foi possível analisar também as suas estratégias de escritas que foram baseadas não só em sua pessoa, mas também pela ausência da mesma.

No texto estavam presentes alguns dos heterônimos de Fernando Pessoa, como Bernardo Soares, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, além de algumas características de escrita e personalidade inspiradas nos livros do escritor.

No capítulo três, Bernardo Soares é explicitado mais detalhadamente pois esse heterônimo é quem leva a vida ao *Livro do desassossego*, e podemos entender que ele é um dos principais heterônimos de Fernando Pessoa devido declarações feitas por ele mesmo ao amigo Adolfo Casais Monteiro em carta.

Por fim, pudemos concluir também que o *Livro do Desassossego* é onde Fernando Pessoa mais se aproxima do gênero Romance, com as reflexões e devaneios sobre a paixão, a ética e as confissões íntimas de um personagem em quem ele deposita um mundo inteiro, onde faz fluir suas perspectivas poéticas dentro de uma prosa comedida. Pode-se dizer que Soares no coração é Fernando Pessoa, dessa forma, fica mais que clara a relação que tem Soares e os outros heterônimos, principalmente com Álvaro de Campos, especialmente quando o fim vai se aproximando, mas logo se diferem pelo desleixo de Campos mais intrínseco e menos premeditado que o de Soares. O *Livro do Desassossego* é onde a vida se despoja exibindo misérias e esplendores da dualidade da alma humana. Com esse desassossego da alma, Fernando Pessoa teria alcançado o ápice da literatura, quase que alcançando o sublime estando aqui em seu mais alto nível e por ser Bernardo o próprio Pessoa, seguem os dois juntos pela vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUESCU, Helena C. et al. *Programa e Metas Curriculares de Português. Ensino Secundário*. Janeiro de 2014. Governo de Portugal - Ministério da Educação e Ciência
- CAMPOS, Álvaro. *Passagem das Horas*. In: PESSOA, Fernando Lisboa: Livro de Versos. Lisboa: 1916.
- CARNEIRO, Alfredo. *O futuro chegou: conheça o Manifesto Futurista*. Netmundi.org. 2014. Acesso em: 02/10/2020.
- CARRASCO, Bruno. *O que é Existencialismo?* Ex Isto. 03/2019 - Acesso em: 20/10/2020
- DANTAS, E. F. M. *Literatura Brasileira IV*. Biblioteca Virtual UFPB.2010
- DINE, Madalena. *Modernismo – O arquivo virtual da geração de Orpheu*. [S.l], 2020  
Presença, nº 17. Coimbra: Dez. 1928 (ed. facsimil. Lisboa: Contexto, 1993). - 250
- FRAZÃO, Dilva. *Resumo da Biografia de Fernando Pessoa*. EBiografia. Última atualização: 31/07/2020- Acesso em: 10/12/2020
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. [S.l]: Standard brasileira
- GONÇALVES, C. D. *Livro do Desassossego: cenas em cenas da cidade moderna. (...) E talvez “Fernando Pessoa não exista - propriamente falando”*. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades & Rupturas, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- JOHANSSON, Maurienne Caminha. *O Modernismo Português e o Modernismo Brasileiro: questões de identidade literária e sociocultural*. Tese (Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Aberta, [S.l]: 2015
- LACEDA, Gustavo. *Augusto Comte e o "positivismo" redescobertos* Rev. Sociol. Polit. vol.17 no.34 Curitiba Oct. 2009.
- LOPES, Teresa Rita, *Pessoa por Conhecer*, v. II, p. 230
- LOURENÇO, J. F. *Uma Bibliografia sobre Jorge de Sena*, cvc.instituto-camoes.pt: 1991
- MIRANDA, Thalita. *O POETA, A CIDADE E O DESASSOSSEGO: PERCEPÇÃO ESPACIAL E PAISAGEM NA PROSA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA*. Tese (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2015
- MOISÉS, Massaud. *Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Lisboa: Publicações Europa-América, 1986.

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1996.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020

RÉMOND, René. *O século XX – de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 2005.

RUANO, Bruno. *Søren Kierkegaard e o Existencialismo*. Laparola.com.br: 10/2015 – Acesso em: 21/10/2020

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro – Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas de 1857 a 1972*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ZENITH, Richard. *Modernismo– O arquivo virtual da geração de Orpheu*. [S.l], 2020

ZENITH, Richard in *Livro do Desassossego composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. (Prefácio) Lisboa: Assírio e Alvim, 2006

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa*. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

[https://www.academia.edu/37713556/A\\_Literatura\\_Portuguesa\\_Massaudo\\_Moises](https://www.academia.edu/37713556/A_Literatura_Portuguesa_Massaudo_Moises)

<https://pt.scribd.com/document/190989164/Rene-Remond-O-Seculo-XX>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/auguste-comte.htm>

<https://www.comunidadeculturaearte.com/quem-foi-e-o-que-pensou-henri-bergson/>

<https://laparola.com.br/soren-kierkegaard-e-o-existencialismo>

<https://www.ex-isto.com/2019/03/existencialismo.html>

<http://arquivopessoa.net/textos/3007>

<http://multipessoa.net/labirinto/alberto-caeiro/1>

<http://multipessoa.net/labirinto/alvaro-de-campos/1>

<http://multipessoa.net/labirinto/ricardo-reis/1>

[https://www.ebiografia.com/fernando\\_pessoa/](https://www.ebiografia.com/fernando_pessoa/)

<http://multipessoa.net/labirinto/vida-e-obra/2>

<https://www.comunidadeculturaearte.com/fernando-pessoa-o-rosto-do-modernismo-portugues/>

<https://modernismo.pt/index.php/c/903-charles-robert-anon>

[https://www.uc.pt/fluc/dfci/public\\_/publicacoes/charles\\_robert](https://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes/charles_robert)

<https://modernismo.pt/index.php/c/756-crosse>

<https://www.netmundi.org/home/2014/marinetti-e-a-poesia-da-destruicao/>

[https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4207/1/TMLCP\\_JohanssonMaurienne.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4207/1/TMLCP_JohanssonMaurienne.pdf)

<https://modernismo.pt/index.php/f/226-fernando-pessoa-biografia>

<http://arquivopessoa.net/textos/3007>

<https://modernismo.pt/index.php/v/786-vicente-guedes>

<http://arquivopessoa.net/textos/3490>

<http://arquivopessoa.net/textos/3493>

[https://www.ebiografia.com/fernando\\_pessoa/](https://www.ebiografia.com/fernando_pessoa/)

<http://arquivopessoa.net/textos/1857>

<http://arquivopessoa.net/textos/821>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/jorge-de-sena-55876-dp1.html#.YBdvH15KjZ5>

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782009000300021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782009000300021)